

METODOLOGIA DA PESQUISA EM TRANSFORMAÇÃO: A LIBERDADE METODOLÓGICA EM DESTAQUE

TRANSFORMATION RESEARCH METHODOLOGY: METHODOLOGICAL FREEDOM HIGHLIGHTED

Sarah Larryana Souza de Alcântara – UFBA

RESUMO

Este artigo busca problematizar sobre as mudanças metodológicas na pesquisa científica, observando a liberdade metodológica do cientista a partir de alguns pontos da obra "Um discurso sobre as Ciências", partindo da indagação sobre as possibilidades de diálogo do Saber Científico com a proposta de compreender como Boaventura de Souza Santos percebe o saber científico, e como epistemologicamente o autor trata de perceber as contribuições e necessidade de diálogo para as produções acadêmicas das Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Saber Científico. Ciências Sociais. Produção Acadêmico-científica. Pluralidade metodológica.

ABSTRACT

This article seeks to problematize about the methodological transformations in scientific research, observing the scientist's methodological freedom from some points of the work "A discourse on the Sciences", starting from the question about the possibilities of dialogue of scientific knowledge with the proposal to understand how Boaventura de Souza Santos perceives scientific knowledge, and how epistemologically the author tries to perceive the contributions and the need for dialogue for academic scientific productions of Social Sciences.

KEYWORDS: Scientific Knowledge. Social Sciences. Academic-scientific production. Methodological plurality.

1 INTRODUÇÃO

Num contexto pandêmico, de crise planetária não apenas na saúde, mas que se reflete com mudanças nas relações econômicas, sociais e individuais, ao mesmo tempo de maior difusão e sinergia do saber científico, há também uma pujança metodológica. Que explica e auxilia o pesquisador das áreas das Ciências Sociais a novas ilações e possibilidades de compreensão do mundo de forma mais sistêmica e solidária, num enfrentamento das questões coletivas da vida.

No ambiente do século XXI, com vários avanços promovidos pelas ciências, inclusive com correntes de pensamento que permitem considerar um enfraquecimento da dicotomia entre as Ciências Naturais e Ciências Humanas, muito do que se espera dos cientistas são este

pensar livre e crítico, seja este das Ciências Sociais ou das Ciências Naturais, e que reconheça as ciências como forma de conhecimento e de prática da vida.

Justifica-se o estudo das teses argumentativas de alguns autores, que revelam sua problematização e contribuição no decorrer da história da ciência, alguns propondo pequenas mudanças, outros anunciando rupturas, há os que se propõe também a pensar a partir de uma unificação e equilíbrio entre os saberes não científicos, como o teológico, o místico, o senso comum, num consenso de saberes que leve a humanidade a participar melhor da vida e das suas nuances.

Boaventura de Souza Santos no interesse de compreender as possibilidades senão de uma unificação, mas ao menos de um diálogo maior entre os saberes, que deem soluções mais efetivas as complexidades deste tempo pós-moderno assevera que a ciência pode ser entendida enquanto forma de conhecimento e prática social.

Pensar nos passos e fluxos da metodologia da pesquisa poderá nos permitir compreender mais do mundo em que vivemos, de tantos avanços científicos e tecnológicos, mas por outro lado, como humanidade chegamos ao alarmante dado em que a taxa de suicídio ultrapassou a taxa de homicídio no mundo, podemos então considerar que as respostas do saber científico não conformam toda a vida humana, e que outras dimensões do saber como o teológico, o artístico e o próprio senso comum sinergicamente podem, e trazem soluções conformadoras.

O objetivo geral deste texto é equivalente ao principal interesse epistemológico na história, o de buscar reflexões. Não tendo o condão de estabelecer verdades estanques. O principal alvo que se deseja alcançar é apresentar, detalhar, descrever possibilidades de argumentação e diálogo com vivacidade sobre o real e instigante ambiente epistemológico do Saber Científico.

O problema da metodologia da pesquisa científica é uma questão que inquieta os pesquisadores. A confrontação com os métodos, com a qual o artigo buscará humildemente se aventurar, e problematizar em intertextos de forma a nos inquietar para as mudanças metodológicas, para transformações e percepções de liberdade, de vulnerabilidades existentes e que indicam que para arrefecer as complexas questões Pós-Modernas, e que nos façam encontrar luzes no caminho, é necessário desencalhar limitações e lapidar o que nos desconcerta no mundo para incluir com participação mais evidências de que estes valores pós-Ilustrado da Revolução Francesa podem propor mais reencontros que desigualdades.

São quatro as principais inquietações metodológicas que se pode identificar num peito de um pesquisador contemporâneo, e que serão objeto de reflexão pontual, mais importante

neste texto: a primeira sobre a necessidade fundamental de pluralidade metodológica para o avanço científico, a segunda sobre a consonância entre o Saber das Ciências Naturais e o Saber das Ciências Sociais ou Humanas, a terceira sobre a possibilidade de uma unificação ou equilíbrio de poder entre os saberes, notadamente marcado pela supremacia científica, e a quarta inquietação metodológica, se faz sentir sobre o tratamento não cumulativo do conhecimento, que reverbera também no processo de ensino e aprendizagem.

Outras questões tão inquietantes quanto estas surgem diuturnamente na vida do pesquisador, algumas mais paralelas, outras mais causais: como de forma, de amplitude, ou simplesmente mais carnis também, que são objetos de inquietações marcantes na veia de um pesquisador. Mas nossa escolha não parte de centralidades ou secundariedade de inquietações, e sim, de posturas marcantes que auxiliam à produção científico-acadêmica nos elencos de dúvidas que poderão surgir, das leituras de vida de cada pesquisador, que o tecido das suas inquietudes não é neutro, mas imprescindível dizer da legitimidade que vigora toda a essência da liberdade das dúvidas e dos métodos que lhe possam servir de instrumento para saná-las. Talvez, porque as dúvidas não morem sozinhas.

Assim, as hipóteses levantadas explicitam uma correlação de problemas metodológicos de pesquisa, podendo-se de início discorrer que na profusão dos conhecimentos do século XXI em meio a pandemia Covid 19, também se situa confirmada uma cultura científica que parte do pressuposto que o processo de reflexão das escolhas metodológicas entre métodos, técnicas, Saberes, auxiliará permanentemente os participantes na confecção de procedimentos metodológicos usados para a investigação, que deixam mais clara a natureza da pesquisa, o método de abordagem, bem como os procedimentos técnicos por estes escolhidos e lançados na labuta de uma investigação científica.

2 PROBLEMA METODOLÓGICO ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

O Iluminismo decorrente dos séculos das luzes deixou-nos como legado mais do que ideias de *liberdade, igualdade e fraternidade*, mas também mecanismos de poder que trazem um certo desconforto ao pensar nas diversas críticas pertinentes nas instrumentalidades-rationais, que escolhemos ou que por um complexo de forças, faz- nos permanecer num estado de coisas entre ainda nos situarmos nessa transição entre o moderno e o pós-moderno.

A proposição de uma pluralidade de métodos se insinua como algo realmente inovador, mas não como se não houvesse cientistas a largo tempo tratando desta perspectiva, mas pelo ânimo que se propõe a renovar na mente e no caráter oxigenador que imbui as pesquisas.

O sociólogo Boaventura de Souza Santos cita numa entrevista que “...Não me considero um autor de vanguarda, mas um cientista de retaguarda, sigo um movimento”. Esta perspectiva trazida por Boaventura é acalentadora e encorajadora. Acalentadora porque parte da premissa de que os cientistas encaram suas preocupações, como humanos que são, de forma que a angústia sai de uma esfera de organização mental do trabalho acadêmico, para perceber-se num certo enxugar de gelo ou ciclismo da contenção, talvez, porque as soluções não param e as dúvidas não morrem, elas se renovam, se ajustam num espaço e não cabem na moldura.

Assim, por pensar numa pluralidade de inquietações e dúvidas, também, na rotina da vida, é passível pensarmos nos diversos saberes que nos permeiam a existência humana, onde na unificação e não cisões estruturais poderá vigorar maior correspondência dos anseios humanos de resistência e de empatia com os outros seres sociais que conosco estabelecem a vida terrena.

Neste sentido de desconfiança e inquietude do pesquisador, a pesquisa bibliográfica foi realizada acerca de prescrutar este assunto em livros, artigos científicos, *sites* especializados, palestras, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertação, teses com a obrigatoriedade da citação da fonte e discorrer um pouco sobre o estado da arte relacionado ao assunto.

Destacando que, os instrumentos teórico-conceituais nos quais apoiamo-nos para conduzir este raciocínio, seja articulando conceitos e autores, não encerra o assunto, mas, enaltece-o, a permanecer manifestando seu caráter de inquietude e levando outros pesquisadores a seguir no meio ambiente supostamente equilibrado e inconstante de problematizar partindo de métodos e saberes plurais.

3 O VIGOR DA SUPREMACIA DO SABER CIENTÍFICO

É derivada da própria performance paradigmática moderna uma busca pelo saber universalizado, pela revisão de paradigmas que muitas vezes não corresponde aos anseios libertários do Saber científico, posto que parcela da vida humana não é conformada pelos métodos científicos. Cabendo aos outros Saberes sua investigação.

É como se pudéssemos construir usando diversos materiais e as oportunidades de aclarar dúvidas não estivessem dispostas em blocos de concreto, nem em blocos pré-moldados de qualquer natureza, ao contrário, o leque criativo do projeto de construção fosse bem amplo e permitisse ao construtor-pesquisador uma calibragem maior dos materiais e dos instrumentos com o quais estará disposto a usar.

Permanece, claro no desafio da pesquisa e da construção, uma liberdade metodológica inicial e ampla. Mas como na analogia bíblica bem conhecida da maioria, é preciso antes de construir a torre, saber se temos os materiais e recursos para finalizar a tão esperada torre.

Quando tratamos da supremacia do Saber científico, parece que por conclusão lógica estamos anunciando uma situação de desequilíbrio de outros Saberes, e alguns fatores podem nos levar a pensar sobre o porquê nos exercitamos bem com estes arcabouços e diretrizes do Saber científico, e retiramos parte do protagonismo de outros Saberes que também fazem parte de produzir explicações de mundo e nos ajudar a compreender novos limites e possibilidades.

Mas parece mais fácil compreender a partir da visão de um construtor, posto que comumente este irá buscar das redondezas os materiais de sua construção ou buscará de imediato em lojas especializadas? É comum a busca em lojas especializadas, lá há o encontro de tudo que sobressai como comum á obra, há o publicizado, e há a escolha costumeira.

Mas percebam que o construtor pesquisador, talvez desatento deixou de percorrer a redondeza, deixou de ver as flores no caminho, de percorrer, as estradas cheias de insumos e recursos que melhor, e talvez, pudessem calibrar o contexto da sua obra. O que é necessário dizer é que cada material da loja especializada que poderia ser escolhido pelo construtor-pesquisador, já passou e passa por uma relação de Poder, de uma geração de parcialidades, e de referências argumentativas hiper publicizadas num contexto de um determinado Saber, mas que não tiram a coerência de outra premissas a que o construtor deve visitar e revisitar para a conclusão de sua obra.

Assim, se percebe que ao tratar de "Um Conhecimento Prudente para uma vida Decente", é possível eliminar o superficial, o direcional único e pensar em recuos coerentes e

inerentes a qualquer construção, posto que ao escolher, o construtor escolhe a partir de um leque possível, às vezes, até mais facilitado ou não que outro, mas este sempre precisa perceber que a sua escolha não retira a supremacia da legitimidade de outras escolhas, pois, permanece complexidades não ditas, não percebidas. E há sempre uma limitação a ser combatida, posto que a coerência interna dos materiais escolhidos, ou do Saber escolhido, do método escolhido, que produzem faíscas, tais como, a resistência transformadora e não silenciada: ainda que o construtor- pesquisador realize suas escolhas, se detenha, se comprometa e dê conta de finalizar sua obra de acordo com debates teórico-práticos sobre marcos notadamente contextualizado na escolha da racionalidade pós-moderna, ainda assim, este precisa perceber também a construção dos vizinhos, as construções na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, na sua região, no seu país e no contexto global. Daí, porque Boaventura expressa a força dos movimentos sociais recaindo nas nossas vidas, e trazendo observações críticas. Boaventura cita que “Sendo um modelo global cientificamente, é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental.” De forma que o pensar cientificamente, requer também um exercício de rotação, resistência e abertura para outros Saberes, porque isto é que se impõe, à própria exaltação de uma racionalidade, a resistência.

4 DISCUTINDO A SELETIVIDADE E CUMULATIVIDADE NO SABER CIENTÍFICO

O estudo detido e produtor sobre um tema, que traga transformações, perpassa pela ideia de seletividade e cumulatividade.

O recorte e a seleção conceitual encerram uma problemática na maneira de tratar seus objetos pelo pesquisador.

De onde vem nossas perguntas e posições filosóficas? Paul Ricouer aborda numa entrevista questões interessantes de sua própria vivência, um relato que nos instiga a pensar também como observadores empíricos e pesquisadores, não apenas a pesquisa como objeto, mas nós como sujeito pensante, determinado no tempo, e ser cultural.

Observe o trecho a entrevista abaixo:

“-Primeiro, eu sou professor de Filosofia e tenho a responsabilidade de ensinar, a obrigação em minha trajetória, e tive a sorte de sempre combinar meus próprios interesses e investigações com minhas obrigações no ensino, como fonte de encontros.

Os meus livros são livros de ensino, temas de discussão e reencontro de pensadores muito diversos. Um diálogo vivo, (...)passando pela ética, filosofia, moral, jurídica. E agradeço a inúmeros filósofos contemporâneos pelos diálogos e vivacidade de apresentar argumentos...uma aventura filosófica”. (RICOUER, 2013)

Ao discorrer que o pesquisador pode combinar seus próprios interesses e obrigações, Ricouer revela um fator importante na vida do pesquisador, e não só, posto que revela a não neutralidade do conhecimento científico. Justapõe-se, na problemática do Conhecimento Científico as relações de Poder, de interesse, simplistamente falando, é possível observar o caráter de seletividade do conhecimento a ser pesquisado.

Adota-se que o processo reflexivo do pesquisador compreende uma pauta concisa e objetiva no modelo do Saber científico. Expondo que a atenção metodológica tem como alvo sistemático uma linha de racionalização que como Boaventura observa não contradiz a natureza social.

5 REFLETINDO SOBRE A PLURALIDADE DE MÉTODOS

Explicitando caminhos a serem adotados para se chegar aos diversos resultados possíveis, o pesquisador se vale de um arcabouço metodológico para explicar qual o percurso metodológico pretende seguir. Não é sem razão que sua escolha reflita também aspectos epistemológicos. O charme da sua caminhada também está no que o construtor- pesquisador consegue planejar com antecedência.

Assim, pensando em quais evidências pôde este encontrar, quanto à sua finalidade ou à sua natureza (da pesquisa e não dos dados), se é permitido observar que a relação teoria e prática ocorre nem sempre de forma a oportunizar um conhecimento local. Havendo uma cisão que retira grande parcela da visão prática.

Popper, na obra *Lógica das Ciências Sociais*, expressa na sua obra uma tese que traz um indicativo da labuta do pesquisador, onde escreve “(...) a cada passo adiante, a cada problema que resolvemos, não só descobrimos problemas novos e não solucionados, porém também, descobrimos que onde acreditávamos pisar em solo firme e seguro, todas as coisas são, na verdade, inseguras e em estado de alteração contínua (POPPER, 2004, p.13).

Popper expõe que nossa busca vem da junção do conhecimento e da ignorância, colocados não em modo contrário, mas como canal para a existência de problemas. Problemas que originam as investigações e que também surgem nas investigações. Ele aborda que o método das Ciências Sociais consiste em experimentar possíveis soluções para certos problemas (POPPER, 2004, p.16).

O caráter do pesquisador é incessante e suas construções decorrem de uma maneira cíclica de pensar como ponto de partida nos problemas, na sua maneira de perguntar, determinar e fundar novos conhecimentos. Mas é preciso pensar nas condições de possibilidade e tornar acessível a compreensão das angústias do pesquisador no exercício da sua gestão da vida.

Assim, as inquietações alargadas pelo pesquisador fazem mediação entre a própria compreensão de si mesmo, e a apropriação do mundo e suas potencialidades. Gerando problemas no equilíbrio de saberes, posto que, a forma como narro as experiências, e como conformo os espaços da vida, decorrem também de uma disposição de luta política concreta e determinada num ambiente de forças em que a produção da igualdade e de acessos a direitos precisa ser expandido na seara da sociedade civil. Então, como pensar em liberdade do pesquisador sediadas na vida, na identidade e proporcionalidade de pensar em critérios de justiça e paz social, reconhecendo diferenças que não afetem a existência de muitos, tal como, é o racismo e suas diretrizes que retiram espaços de ação e vivências.

Ainda que pareça paralelo à questão da pluralidade de Métodos, mas a questão da pluralidade de Métodos faz-nos situar em mais amplas e profundas produções de conhecimento, de observações de problemas de vida, de diretrizes fundantes. Posto que muito embora o pesquisador possa buscar laborar com problemas universais, o homem universal, esbarra na Outrificação. Quem é este homem universal? Permite este a diversidade? Ou sua diretriz segue a orientação de afastar uma dívida histórica que marcou a trajetória global, e ainda mais do ocidente, como foi os caminhos da escravidão e do racismo que ainda lança ruas raízes e folhagens sobre a vida social humana em diversos países, e no trato da produção do conhecimento também. Ora comissionando a negativa da reparação, ora felizmente, sendo objeto de resistência e reparação.

Assim, trabalhar com visões policêntricas, observando e combatendo a universalidade centrada em alguns determinados sujeitos, encerram diversas questões epistemológicas, e principalmente, uma disputa narrativa em que opressões se entrelaçam, e culturas contra hegemônicas buscam um espaço de transformação possível para fomentar a paridade de gênero e de raça, tão eficazes, de forma que pensar em pesquisa científica e liberdade

metodológica encerrem perspectivas que denotem mais equilíbrio e unificação, trazendo mais transformação da realidade cotidiana e uma consciência plural que brote do senso comum, e também do pesquisador em sua função de transformador de rupturas e hegemonias.

Uma reflexão sobre a pluralidade de métodos é muito profícua, mas também esbarra numa disposição de equilibrar os saberes. De modo que, seguindo a lição de Boaventura, de que não há conhecimento pronto. É preciso aprender no mesmo processo em que ensina e discute, e assim, de modo cíclico e proficiente, como leciona Paulo Freire, a vida vai se conduzindo de modo mais flexível e compatível com a complexidade intelectual que o Capitalismo exige, no “varejo” político hodierno, de modo que a explicação dos problemas e das soluções dos problemas requerem uma complexidade que observe alternativas, adaptações e resistências próprias de uma cultura científica nesse ambiente histórico.

6 PROBLEMATIZANDO O EQUILÍBRIO ENTRE OS SABERES

A relação do pesquisador com a sua proposta de trabalho investigativo é notadamente um momento de discussão interna e cultural, de aproveitamento de suas angústias e de tomada de decisão metodológica e social, onde resguardar-se da ditadura de pensamento único, no entendimento de que todo método e técnica pode servir para abrir os horizontes e compreender situações concretas que elevam a finalidade que se quer prescrutar, permitindo-se tecer interconexões que ocorram através de inúmeras razões para estabelecimento de um estudo detido sobre um tema que produz uma função social no mundo e que reverbera protagonismos de vozes, de falas, de saberes.

E deve conter o objeto de estudo, isto é, a apresentação da pesquisa realizada, o que se verificou para se chegar nos resultados, livros, opiniões de autores, consulta bibliográfica, sem esquecer que o universo não ouvido, indagado, mantém correspondência com o todo e garantindo a sua contribuição. Algo salutar é que o saber científico ainda que erigido na Pós-Modernidade a uma supremacia de parcela das nossas vidas, que retira a compreensão de outros Saberes também importantes, ainda assim, não há como um saber não corresponder e se conectar com outro.

As análises e interpretação devidamente embasadas pelos dados, conceitos e informações apresentados no desenvolvimento devem ser inseridas

É o tópico em que se deve explicitar o resultado alcançado na pesquisa. Pode-se proceder a verificação e comparação ao estado da arte da fundamentação teórica.

Uma pergunta que inquieta a muitos que estão descontentes com a conjuntura moderna que alimenta a falta de coesão do Saber Científico enquanto conhecimento e enquanto prática social, se trata de responder à pergunta sobre a efetividade da unificação ou equilíbrio entre os saberes.

As perguntas sobre possibilidades não nascem apenas no perfil dos estudantes, mas no próprio senso comum, nas ruas, fora do campo acadêmico. Como se daria maior confluência e diálogos entre os Saberes?

O que fundamenta esta necessidade de diálogos entre os saberes? Quais os problemas metodológicos decorrentes deste cenário? Como a contextualização pode trazer relevância social para além da comunidade científica, e fomentar a democratização do conhecimento produzido não só em termos tecnológicos, mas como ações que gerem mais cuidado humano e com o meio ambiente sustentável.

Algumas modificações sociais contemporâneas, como os excessos da tecnologia, o crescimento do individualismo, o aumento da violência, entre outras, são também citadas por Lebrun (2004), e fazem com que o contexto pandêmico não seja um espaço apenas de crise, mas de reflexão e incursão metodológica, pois, na crise o repensar assume um papel importante como mola propulsora de novas rotas e compromissos sociais.

A interação entre os saberes encerra alguns problemas ora de superficialidade ora de profundidade, porque é necessário traduzir e readaptar questões orientadoras. Neste sentido, vejamos que o campo de argumentação e o trabalho de investigação do pesquisador nasce de um ou mais problemas, mas se imiscui com tendências e expectativas de um sujeito que escolhe um ponto de partida dentro de um contexto social.

Ainda que se possa falar a muito tempo sobre uma emergência versus a supremacia do saber científico, é necessário pensar no ambiente científico e como este proporciona enquanto espaço de debates e diálogos entre os saberes. A multifuncionalidade e o bem-estar das diversidades de seres humanos, condiciona uma troca de conhecimentos, e uma pluralidade de ideias que precisam ser postas a baila, para serem ouvidas, debatidas, reformadas, mas dentro de um processo dialógico.

Quando pensamos em por a mesa para dialogar é preciso jogar luzes de que os Saberes muitas vezes, não são divergentes. Que é possível uma complementariedade, uma instrumentalidade que possa reduzir barreiras que tensionam categorias que podem ser transitórias.

Ao pensarmos que produzir conhecimento científico seja um exercício de revisitar, e caminhar atrás diversas vezes, para avançar entre soluções e mais perguntas, também é possível nos situar entre as inspirações que não são rígidas, e na espessura das camadas humanas para si chegar ao autoconhecimento, e ao conhecimento do senso comum, como também, do senso crítico.

Dessa forma é oportuno esclarecer que a vanguarda precisa calibrar o exercício do poder de diálogo, e não de verdades, pois, principalmente, é do diálogo entre os saberes que estamos tratando, supõe-se que entre Saberes diferentes, seja possível o estabelecimento de verdades diversas, porque o objeto também é diverso, com fatores e balizas que podem se tangenciar, mas que possuem capacidade diferente de dar respostas a problemas que muitas vezes, decorrem de perguntas em ambiente diverso contextualmente, e que no mundo fático conduzem a conhecimentos diversos, embora não se possa a prima face falar que estes conhecimentos sejam incongruentes, só não podemos tomá-los sem dialogar, e retirando a liberdade metodológica do pesquisador, posto que, tal qual continuemos a nos inserir e conduzir de tal forma, dentro de uma supremacia do Saber Científico frente aos outros poderes, é primaz saber que isto, também é um exercício de poder.

7 CONCLUSÃO

A emergência de uma liberdade metodológica que pluralize o conhecimento de outros Saberes faz pensar que a coragem situa-nos em bons contextos, ainda que a conjuntura de crise nos lápide a nos tornar melhores e mais adaptados pesquisadores, sempre nos desafiando a pensar sobre a relação da produção científica com a construção da vida cotidiana e suas relações de Poder, que nos ambienta a refletir nas tentativas e erros que alimentaram pensamentos na História e que nos situa num caldo cultural que neste momento nos permite pensar e discorrer assim, orientados e esclarecidos para um movimento de ampliação da solidariedade, da capacidade de diálogo e de profusão de conhecimento, que é poder, e além de permitir leituras, permite transformações nas circunstâncias culturais, sociais, econômicas, individuais.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento.**

NIRTZCHE, Friederich. **A origem da tragédia proveniente do Espírito da música.** 1972.

POPPER, Karl. **Lógica das Ciências Sociais.** 2004.

RICOUER, Paul. **Entrevista ao Canal Cable - UC** (2003). Disponível em: <https://youtu.be/OFwyp1689pQ>. [Citado em 20 setembro de 2020].

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente: um discurso sobre as ciências revisitado.**

SANTOS, Boaventura de Souza. **Entrevista ao Canal Leituras Brasileiras** (2018). Disponível em: https://youtu.be/dlZbLjCz_mU [Citado em 23 de setembro de 2020].

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências.**

SILVA, M. de L. R. da. (2009). **Discussões sobre a pluralidade metodológica da ciência contemporânea.** In Notandum Libro, 13. Educação, formação e cultura. São Paulo, SP: Universidade do Porto / Faculdade de Direito.

SOKAL, Alan. **Imposturas Intelectuais.** Ed. Record. RJ e São Paulo-2010.